

## A CARTOGRAFIA MEDIEVAL. O MUNDO DOS HOMENS E O MUNDO DE DEUS.

### *A MEDIEVAL CARTOGRAPHY: THE WORLD OF MEN AND THE WORLD OF GOD.*

Maria Eurydice de Barros Ribeiro\*

**Resumo:** O artigo propõe o estudo da cartografia medieval, forma de linguagem integrada ao sistema de comunicação promovido e controlado pela Igreja Tomou-se como exemplo, dois mapas-múndi que se encontram no interior de manuscritos, O Apocalipse de Liébano (Biblioteca Britânica, Ms 11695) e o *Imagine Múndi* de Honório de Autum (Cambridge, Ms 66); e dois mapas-múndi murais, o de Ebstorf, exposto originalmente, no claustro do mosteiro do mesmo nome (Alemanha) e Hereford que pode ser visto ainda hoje no altar da catedral de Hereford (Inglaterra). Buscou-se demonstrar como os mapas-múndi colocaram em prática a arte de memória, recurso da retórica, repetindo as informações de uma carta para a outra. Os mapas foram orientados para o oriente, mantiveram a tradição Homérica, da terra cercada pelo oceano e a divisão do mundo em três continentes. O sagrado apoderou-se da geografia física situando os lugares bíblicos: no alto, na Ásia, o Paraíso; no centro, Jerusalém Celeste. As demais referências

vétero e neo-testamentárias, como a arca de Noé e as cidades de Belém e Babel, foram situadas corretamente, na parte oriental (superior da carta). É no contexto sócio-religioso do mosteiro, em particular nos princípios da Regra Beneditina, que, combatendo o ócio, determinava que ao lado dos trabalhos manuais, o monge reservasse um momento do dia para a leitura, que é possível compreender a função exercida pelos mapas-múndi no interior dos manuscritos medievais. Os mapas podiam também, servir de instrumento de educação da aristocracia e nobreza no mundo da corte. De forma análoga, é por meio da liturgia que os mapas murais constituem-se não em ornamentos do claustro ou do altar da catedral, mas, em imagens capazes de passar a mensagem maior do cristianismo, a ressurreição e salvação da alma, anunciando o Juízo Final.

**Palavras Chaves:** Cartografia, Mapa-múndi, Idade Média, Escatologia, Juízo Final.

---

\* Professora associada da Universidade de Brasília (UnB) Doutora de Estado pela Universidade de Paris X, possui Diploma de Altos Estudos em Civilização Medieval pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, Paris, (França). É autora e organizou os seguintes livros: **Os símbolos do poder, A vida na idade média e Arte e contemporaneidade**. Possui diversos artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais. Suas pesquisas estão voltadas para o estudo da espiritualidade e religiosidade, onde além das fontes escritas, serve-se também, da iconografia, estabelecendo um diálogo entre a História e a História da Arte. Endereço de e-mail: macurydice@yahoo.com.br

**Abstract:** The article suggests the study of medieval cartography, the language integrated to the communication system promoted and controlled by the Church. Two world maps located in the manuscripts were taken as examples: the Beatus of Liébana's *The Apocalypse* (the British Library, Ms 11695) and the Honorius of Autun's *Imago Mundi* (Cambridge, Ms 66) and two mural world maps: *the Ebstorf map*, originally found in the Ebstorf monastery cloister (Germany) and *the Hereford map* that can be seen on the altar of the Hereford Cathedral (England). It was attempted to demonstrate in this article how the world maps put into practice the art of memory, the rhetoric resource, by repeating the information from one charter to the other. The maps faced east, maintaining the Homeric tradition of land surrounded by ocean and the division of the world in three continents. The sacred took hold of the physical geography by locating the biblical places equally, on the same positions: On top - on Asia -, Heaven; in the center, celestial Jerusalem.

The other vetero and neo-testamentary references such as Noah's ark and the cities of Bethlehem and Babel are located correctly in the east part (on the top). It is in the monastery context - particularly the Benedictine Rule principle in which, fighting inactivity, determined besides handwork, the monks take some time of the day to read - that it is possible to understand the purpose of the world maps inside the medieval manuscripts, which could function as educational instrument to the aristocracy and nobility in the Court world. Similarly, it is through liturgy that mural maps become not cloister or the cathedral altar ornaments, but images capable of sending the greatest message of Christianity, the resurrection and salvation of the soul, announcing the Last Judgment.

**Key-words:** Cartography, World map, Middle Age, Eschatology, the Last Judgment.

O Apocalipse de João foi provavelmente, um dos textos mais presentes nas mentes do clero medieval, gerando um comentário de grande notoriedade, o *Commentarium in Apocalypsin*, redigido no final do século VIII (776) no mosteiro de São Toribio onde foi, também, elaborada a versão final dez anos depois em 786. O mosteiro estava, então, sob a proteção de São Martinho, em Liébano, razão pela qual, o autor tornou-se conhecido como o Beato de Liébano. No interior do manuscrito, encontrava-se um dos mapas-múndi mais antigos da idade média que, teve como fontes mais importantes as Sagradas Escrituras, as Etimologias de Isidoro de Sevilha e Ptolomeu. Na ausência do original desaparecido, os pesquisadores têm recorrido a cópias que, segundo os especialistas, reproduzem o original com grande fidelidade permitindo, assim, o seu estudo. Com efeito, em uma das cópias mais antigas, que se encontra no mosteiro de São Domingos de Silos<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Cópia do Mosteiro São Domingos de Silos. Biblioteca Britânica, BL Add. MS 11695, f.40r

verifica-se que a tradição homérica da terra circundada pelo oceano foi mantida, podendo-se identificar pequenas ilhas e peixes. O mapa foi orientado para o Oriente e o seu traçado T.O. divide a terra em três partes, localizando a Ásia no alto, onde se lê Ásia Maior. Aí, no ponto mais alto, situa-se o Paraíso representado por Adão e Eva que escondem a própria nudez. Do lado esquerdo de Adão, Eva está na companhia de uma longa serpente que parece sussurrar alguma coisa no seu ouvido. Abaixo da linha, à direita, está escrito Europa, onde é possível identificar a Galícia, a Aquitânia e Roma; esta última, representada por uma pequena arquitetura. Do lado esquerdo, na África, encontram-se o Egito e a Líbia. Não existe - exceção feita ao primeiro casal, à serpente e aos peixes - outras representações humanas ou de animais; tampouco de vegetais. Várias montanhas, rios e mares (Mar Vermelho e o Mediterrâneo) compõem com pequenas arquiteturas o fundo da carta. Nos Comentários do Apocalipse do Beato de Liébano, texto e mapa refletem a crença no Fim do Mundo e a angústia que a proximidade do milênio provocava. Quatro séculos mais tarde, no século XII, quando a Península Ibérica foi invadida pelos Almóadas, a expectativa apocalíptica renasceu trazida à tona pela presença dos infieis. Uma nova série dos Comentários foi, então, produzida nos mosteiros ibéricos, integrando a vasta família de manuscritos conhecidos pela denominação do primeiro comentário, atribuído ao Beato de Liébano. No interior dos manuscritos, dentre outras representações, o mapa-múndi foi reproduzido. Ao lado da transcrição do texto, as representações eram transladadas tomando como modelo o original. Dentre as cópias, a que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, (Portugal)<sup>2</sup> é uma das mais pobres em imagens e legendas. Dela só se conhece a metade que corresponde à parte da Ásia, (na qual é possível identificar o Paraíso) e a África. Ao longo da carta, se delinham as linhas indicativas das regiões, mares e rios. A figuração humana consiste apenas na representação dos apóstolos.

O Comentário do Apocalipse foi transcrito, em 1189, por um monge de nome Egeas, no mosteiro de São Mamede de Lorvão, fundação beneditina do início do século XII, submetido à Regra Beneditina, que repousava nos princípios da ordem e no combate ao ócio, inimigo da alma. O capítulo XLVIII – Do Trabalho Manual Quotidiano –<sup>3</sup> determinava que os irmãos, ao lado do trabalho manual, deviam se dedicar a leitura “das coisas de Deus”, a *lectio divina*. Para isto, o tempo foi, detalhadamente, regulamentado: Da páscoa às *calendas* (de outubro), a partir da quarta hora (por volta das 10 horas) momento em que o calor é intenso, se deveria cessar o trabalho manual e iniciar a leitura, que seria prolongada por duas horas, ou seja, até a sexta hora. Em certo sentido, pode-se considerar esta leitura

<sup>2</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lorvão 43, casa forte 160

<sup>3</sup> La règle de Saint Benoit (1982).

como uma atividade intelectual, um estudo ou uma pesquisa. Em nenhuma hipótese se tratava de pura especulação. A leitura implicava na busca de Deus, tal como a concebeu Agostinho, *Iesum quaerens in libris*. A Regra não só estipulava a época do ano e o horário; como prescrevia a forma como o livro deveria ser lido, isto é, lentamente, atentamente, objetivando elevar a alma para Deus<sup>4</sup> para melhor o conhecer e amar. O livro era o veículo que assegurava a comunicação com Deus e a leitura suscitava orações, aspirações que a alma, por alguns instantes, absorvia em fervorosa contemplação<sup>5</sup> Por muitos séculos, a *lectio divina* foi o principal método de oração dos monges.

É no contexto da vida no mosteiro, do que representa a leitura, que se deve compreender a função dos mapas-múndi que não ilustravam os manuscritos – tal como entendemos, atualmente, o verbo ilustrar – mas que ilustravam no sentido atribuído pelos medievais ao verbo ilustrar, isto é, esclarecer. Donde a grande importância dos mapas no interior dos livros. As bibliotecas monásticas, famosas pelo acervo, possuíam, certamente, os Comentários do Apocalipse que não eram, todavia, os únicos manuscritos a trazer, no interior, um mapa-múndi. São conhecidos os mapas que se encontram nos Saltérios,<sup>6</sup> alguns dos quais foram ricos em imagens e cores. Destinados aos membros da ordem, visavam à educação moral e doutrinária integrando-se a Regra e produzindo normas que asseguravam ao mosteiro ordem e paz.

Mas a educação moral e doutrinária não se restringia apenas ao clero. O imperador do Sacro Império Romano Germânico, os reis, príncipes e membros da aristocracia, também deveriam ser educados. No século XII, Honório de Autum escreveu, no prólogo do *De imagine mundi*, dedicado ao imperador Henrique V (coroadado em 1106), que o ordenamento do mundo deveria ser como um espelho.<sup>7</sup> No interior do *De imagine mundi* encontrava-se um mapa-múndi que ficou conhecido como o mapa-múndi de Mogúncia.<sup>8</sup> A carta sobressaía-se das anteriores por representar Jerusalém Celeste por uma cúpula, na qual, as doze tribos de Israel estavam inseridas em uma alusão clara a origem de Jesus. A mensagem salvacionista foi enfatizada por quatro anjos situados nos cantos exteriores do mapa, sinalizando os pontos

---

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> No âmbito do mosteiro, o combate ao ócio proporcionou ao trabalho intelectual um lugar importante. Os conhecimentos da teologia, da exegese, da patrística, da liturgia, da vida dos santos e da história do mosteiro tornaram-se caros à vida do mosteiro porque colocavam o monge diante de Deus, e de suas manifestações. A entrega de um livro, no início da quaresma, indicava a preocupação dos superiores com a educação espiritual, sobretudo dos mais jovens.

<sup>6</sup> Um dos mais conhecidos são os dois mapas que se encontram na Biblioteca Britânica, Add. Ms. 28681, f<sup>o</sup>r e v.

<sup>7</sup> Edição em inglês por William Bull e Harry Williams (1959). University of Califórnia Press, Los Angeles, 1959.

<sup>8</sup> Mapa-múndi de Mogúncia. Cambridge, Corpus Christi College, ms 66, fol.2 (Fac-símile, BNF, Atlas de Santarém).

cardinais. As cores das vestimentas e dos mantos – verde e vermelho – expressam, respectivamente, a regeneração, ressurreição e esperança na vida eterna; e o sangue de Cristo morto na cruz para a salvação da humanidade. Devidamente aureolados, os anjos que se encontram no Oriente, parte superior do mapa, trazem na mão, o da direita, uma palma (lembrando a entrada de Cristo em Jerusalém) e estende o dedo indicador para o topo do mapa, onde se encontra o Paraíso; o da esquerda segura um dado e também com o indicador aponta para os povos de Gog e Magog. Assim como as cores,<sup>9</sup> os gestos das mãos e os objetos que carregam possuem um significado simbólico: o dedo indicador enfatiza o lugar e o objeto<sup>10</sup> identificando-o. Assim, enquanto o anjo da direita aponta para o Paraíso, o da esquerda associa o dado, ao povo judeu, indicando a legenda onde se lê *gens immunda*, situada ao lado do desenho da fortaleza em que o povo de Gog e Magog foi aprisionado. Os rios Geon (Ganges), Fison (Nilo), Tigre e Eufrates; os montes e montanhas, o Sinai e o Atlas; os mares Morto, Vermelho e da Galiléia; as cidades de Jerusalém, Belém, Babel e Roma. Este Programa Iconográfico de Mogúncia se repetirá exaustivamente nos mapas posteriores.

## I

Segundo Christian Jacob (1988, p.1987-88), os mapas, independentes da sua época, constituem, antes de tudo, uma linguagem integrada a um sistema de comunicação. O seu funcionamento e finalidade têm como suporte a arte da memória cuja escala é a própria terra. Os mapas para Jacob ordenam o mundo fixando-o e submetendo-o a razão e a geometria. Na idade média, a transcrição de um mapa ia além de uma simples cópia de imagens e legendas. Era, antes, um ato de transladação, ou seja; implicava na apropriação de informações construídas ao longo de uma tradição. Foi segundo estes princípios que o mapa-múndi de Mogúncia serviu de modelo para o maior mapa de que se tem notícia, o mapa-múndi de Ebstorf, assim conhecido por ter sido produzido no mosteiro de Ebstorf, onde ficava exposto no claustro.

Gervásio de Tilbury,<sup>11</sup> o seu autor, inspirou-se na cruz com o Cristo crucificado para traçar os limites do mapa, orientado, como de praxe, para

<sup>9</sup> Sobre as cores conferir, PASTOUREAU (s/d).

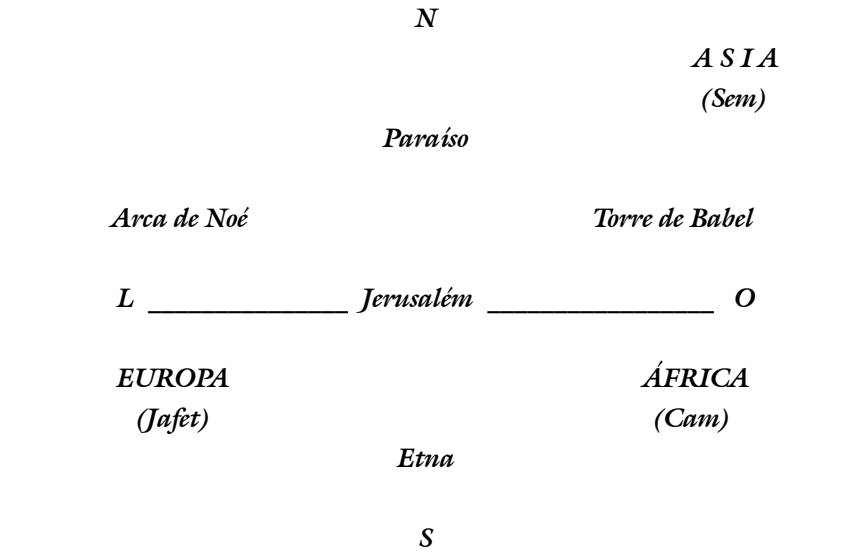
<sup>10</sup> Um estudo rigoroso sobre os gestos na idade média foi feito por SCHMITT (1990).

<sup>11</sup> Gervásio de Tilbury era inglês e nasceu provavelmente, em 1155. De família nobre, foi, conforme o costume da época, destinado a carreira eclesiástica. Esteve a serviço da corte da Inglaterra, integrando o grupo de clérigos que se formou em torno de Henrique, o Jovem Rei, filho de Henrique Plantageneta (1154-1189). A morte súbita do Jovem Rei e a rebelião contra o seu pai obrigou Gervásio a abandonar a Inglaterra em 1183, levando consigo o projeto do novo livro. Inicialmente ele se instalou na Itália de Guilherme II, o Bom, último rei normando da Sicília (morto em 1189) Em seguida, chegou à corte de Oto IV de Brunswick.

o Oriente. No alto, ao lado direito da cabeça, no interior de uma moldura desenhada cuidadosamente, semelhante a do mapa do Beato, situou o Paraíso. Ao lado, duas legendas em consonância com o texto bíblico (*Gen.* 2-8) dialogam com a imagem. Enquanto a primeira, precisa a sua situação geográfica além do mar Cáspio e do Cáucaso, a segunda esclarece: *paradisus et lignea vitae*. Mais abaixo, em capitais maiores, na parte superior da linha, o monge escreveu a palavra Índia, já empregada nos mapas medievais mais antigos. Prolongando-se abaixo do braço direito, situou a Europa; no esquerdo, identificou a África. Ainda à extrema esquerda, delineando a curvatura da terra, localizou os Antípodas. No centro, no umbigo do mundo, encontra-se Jerusalém Celeste, onde triunfante, Cristo sentado em seu sarcófago, ressuscita. Pelos três continentes, personagens e animais, reais e imaginários, perambulam em um espaço geográfico real, soltos em um tempo indiferente ao passado e ao presente, mas cujo futuro, determina o seu sentido, ordenando o mapa (RIBEIRO, 1999).

Traçado 1 - Mapa-múndi de Ebstorf

---



Mapa-múndi de Ebstorf. Eixo horizontal (norte/sul). Eixo vertical (leste/oeste) Maria Eurydice de Barros Ribeiro.

Considerando-se a forma dos mapas, o mapa-múndi de Ebstorf é um ecumênico simples. Isto é, representa o ecúmeno, ou seja, o mundo habitado e conhecido. Este mundo habitado e conhecido teve a partir do final do século XII e no decorrer do século XIII, sua representação cada vez

mais detalhada e enriquecida por uma expressiva variedade de imagens. O mapa-múndi tornou-se uma enciclopédia, espalhando as mais variadas informações sobre a terra conhecida. Ao mesmo tempo a produção cartográfica se multiplicou integrando-se a um movimento maior, que assimilava a transcrição dos textos de Geografia e os relatos sobre o Oriente transmitidos pelas cruzadas.

É importante notar que a penetração dessas novas informações não se fez sentir no desenho cartográfico, mas, sim, nas legendas e na iconografia. Em síntese, o conhecimento geográfico e as narrativas dos cruzados permitiam, apenas, tomar posse da geografia física real, transformada em suporte espacial para a geografia bíblica e a história da humanidade. Dentro deste contexto, o conhecimento que guiava a mão do monge cartógrafo não revelava nenhum interesse pela geometria, geografia ou a história positiva. É o conhecimento teológico que dita o desenho das imagens e a escrita das legendas, ordenando o conteúdo em um único discurso, no qual a imagem e a escrita formavam uma só linguagem.

Com frequência, a historiografia tem limitado este conhecimento ao horizonte do mosteiro, do feudo, da pequena aglomeração urbana, ou da universidade. Tratava-se, aparentemente, de um universo sem surpresas, onde cada pedaço era conhecido e percebido mentalmente em sua inteligibilidade. Assim, entre o céu e a terra; entre o homem e a natureza que o cercava não existiam fronteiras intransponíveis. Contrariando a historiografia, Aaron Gourevitch (1983) afirma que o mundo dos medievais não era tão simples. Ao contrário, para ele, ao incluir “ao lado dos seres, dos objetos e dos fenômenos terrestres, um outro mundo, nascido da *consciência religiosa* e das superstições” este mundo, “do ponto de vista moderno aparece duplo, mesmo se os homens da idade média o viam como um só” (GOUREVITCH, 1983, p.75). No medievo, para cada coisa havia, ao lado das informações sobre a sua natureza física, um outro conhecimento, que mergulhava no sentido simbólico, no significado e nos diferentes aspectos da relação do homem com o mundo divino. Este duplo sentido simbólico tornou o mundo medieval mais complexo porque “cada fenômeno poderia, e deveria ser interpretado e compreendido de uma outra maneira, ou poderia e deveria ver, além do envelope visível, uma essência escondida ao olhar físico. O mundo dos símbolos era inesgotável” (GOUREVITCH, 1983, p.75) A articulação entre as imagens e as legendas obedecia, portanto, implicitamente, a uma ordem e a uma classificação que considera os discursos sagrado e profano e possui um significado simbólico. O mapa-múndi, na idade média, era um documento visual por excelência, constituindo-se em instrumento pedagógico de importância inestimável.

Por isso, talvez, nenhum manuscrito transmita tão bem a visão que os medievais possuíam do universo como os mapas-múndi. Du Cange, no

*Glossarium mediae et infimae latinatis* (1840) traduziu mapa como mantilha, sudário. Esta última significação, não só lembra que os primeiros mapas foram confeccionados em tecido, como implica na reprodução imediata da *imago mundi* na qual se buscava tornar visível todas as coisas, *per visibilia ad invisibilia*. O *mundus*, para os medievais, não constituía uma simples representação geográfica, mas o espaço onde a história da humanidade se inicia com a criação.

O traçado e a divisão do mapa, submetido à ordem divina, constituem os eixos onde a narrativa histórica se situa, classificando suas partes geograficamente. Este traçado e classificação são conduzidos pela “consciência religiosa” a que Gourevitch se refere. É ela quem se manifesta quando, com base na narrativa bíblica do dilúvio, os cartógrafos medievais dividiram o mundo em três partes, Ásia, Europa e África, atribuídas aos filhos de Noé, Sem, Jafet e Cam (Traçado 1). Gradualmente, cada parte foi sendo enriquecida pela variedade de elementos próprios à cultura medieval. A análise da forma, das legendas e das imagens permite compreender o mundo que o mapa representa. Para os medievais, *mundus* é a representação concreta (do mundo). É este mundo real que a cartografia reproduz. Nele, os continentes, montanhas, vales, rios, mares, cidades, homens e animais são representados por *imagines*, referência clara, na idade média, à representação do mundo material.

Gervásio de Tilbury instruiu-se nas fontes citadas em Mogúncia, acrescentando a estas, outras. Apoiou-se na tradição clássica e bíblica; na Patrística (Agostinho), nos primeiros autores medievais, em particular Isidoro de Sevilha (As Etimologias) e na cultura popular. A absorção desta última, onde os elementos célticos confundem-se com os de origem oriental, importados da Índia e do mundo muçulmano, denuncia a inserção de Gervásio no grupo de clérigos originados das ilhas britânicas que, desde os finais do século XII até os meados do século XIII, dedicaram-se a recuperação das lendas e narrativas rejeitadas pelo clero erudito. Estes elementos passaram, doravante, a fazer parte de uma nova cultura para uso dos príncipes e dos aristocratas laicos.<sup>12</sup> Foi estimulado por este projeto que Gervásio escreveu e dedicou os *Otia Imperialia* ao imperador Oto de Brunswick,<sup>13</sup> para que este aprendesse ao mesmo tempo em que, se divertiria. Consta que,

---

<sup>12</sup> Jacques Le Goff discorre sobre a importância desse grupo de clérigos originados das ilhas britânicas no Prefácio de *Gervais de Tilbury. Le livre des merveilles*, edição traduzida e comentada por Annie Duchesne, Paris Belles Lettres, 1992.

<sup>13</sup> Após ter concluído o *Otia Imperialia*, por volta do final de 1214 e início de 1215, Gervásio o ofereceu a Oto de Brunswick. Gervásio permaneceu na Alemanha até a morte do Imperador, recolhendo-se na abadia de Ebstorf em 1223, onde passou os últimos anos de sua vida, debruçado na elaboração do mapa-múndi. O manuscrito alcançou grande sucesso. Trinta versões chegaram até os nossos dias. O manuscrito conservado na Biblioteca do Vaticano (lat. 933), segundo J.R. Caldwell, é o exemplar de trabalho de Gervásio.



no manuscrito original, havia um mapa-múndi, atualmente desaparecido, que foi consideravelmente ampliado por Gervásio e colocado no claustro do mosteiro beneditino de Ebstorf anos mais tarde. Este imenso mural, também desapareceu durante um bombardeio na segunda guerra mundial. Graças ao fac-símile do século XIX, que se encontra no Departamento de Cartas e Planos da Biblioteca Nacional da França, (BNF, Ge. AA 2177) esta pesquisa pode ser realizada.

O mapa-múndi mural foi uma obra de velhice e a ele Gervásio de Tilbury dedicou os últimos anos da sua vida, concluindo-o, provavelmente, em 1230.<sup>14</sup> O desenho reproduzia a representação geográfica do mundo espalhado no imenso tapete estendido pela geografia física. No espaço, parecia não existir fronteiras entre o mundo terreno e o mundo celestial. Gervásio provavelmente iniciou o traçado por um grande círculo que tinha mais de três metros de diâmetro (3,58 X 3,56m). Para tanto, precisou de trinta folhas de pergaminho que devem ter sido montadas no chão para, posteriormente, serem colocadas na parede. Em seguida, as dividiu em partes, preenchendo cada parte com imagens que foram coloridas por dezesseis matizes diferentes. Os textos clássicos que o monge cita, literalmente, ao longo do manuscrito, não se repetem apenas nas legendas que acompanham a maioria das imagens ou nas próprias imagens. Estão, também, presentes na forma esférica que Gervásio deu à carta ao dividi-la. A representação do espaço na Antiguidade Clássica, grosso modo, obedecia a um plano ortogonal regular (da polis grega) ou a um traçado urbano de base quadrangular, mais ou menos regular, a urbe romana. Este sistema foi descrito por Varão e citado nos tratados dos geômetras, medidores de terras e agrimensores romanos. O templo orientado com base nos quatro pontos cardeais correspondia à divisão do céu em quatro partes em função de dois eixos perpendiculares traçados de norte a sul (eixo horizontal); e de oeste a leste (eixo vertical) como uma cruz (figura 1). Esta representação espacial foi transmitida aos mapas medievais que buscavam reproduzir a *orbis terrae* indicando o ecúmeno.

A cruz, símbolo maior da Cristandade, guia, traça, reparte, ordena, classifica, narra. No mapa-múndi de Ebstorf, os eixos reproduziram, ao mesmo tempo, o sistema medieval que utilizava partes do corpo como medidas na organização do espaço, atribuindo, concomitantemente, a cada parte, um valor simbólico. O uso do corpo, como medida e símbolo, correspondia, na idade média, ao microcosmo e ao macrocosmo, categorias próprias do conhecimento da época. Para os medievais, microcosmo não é uma simples parcela de tudo, nem um dos elementos do universo. Era,

<sup>14</sup>Amin Wolf após ampla pesquisa datou o mapa-múndi de Ebstorf e foi um dos primeiros a precisar o número de cores e matizes. Conferir em News on the Ebstorf world map: date, origin, authorship. In: *Géographie du monde au moyen age et à la Renaissance*. Edição de Monique Pelletier, ed. CTHS, 1989.

sim, uma réplica, uma redução do todo (GOUREVITCH, 1985, p.62-63). Gervásio foi, provavelmente, influenciado pelas representações do corpo humano. A idéia de macrocosmo e de microcosmo, como alegoria está no manuscrito da abadessa Hildegarda de Birgen (1098-1179), representando o macrocosmo pelo símbolo da eternidade, o círculo no interior do qual um personagem humano representa o microcosmo. Para Hildegarda, (SCHIPPERGES, 1995, p.19) as imagens traduzem a palavra transformando-se na real representação do mundo. O convento da abadessa de Birgen ficava nas proximidades de Mogúncia, em território do Império, não muito longe de Ebstorf. É bem provável que as suas idéias tenham alcançado Gervásio.<sup>15</sup>

A compreensão do conceito de microcosmo para os medievais passava, necessariamente, pelas modificações sofridas pelo conceito de cosmos, na passagem da antiguidade clássica para a idade média. Enquanto para os antigos o mundo era pensado como um todo harmonioso e belo, o mundo da Cristandade não é mais beleza, porque está vinculado ao pecado e submetido ao julgamento de Deus. A história que Gervásio de Tilbury narra é a História da Criação e Salvação dos Homens. Iniciando a narrativa pela criação, ele espalha sobre a cidade terrena as nações e a diversidade de costumes, línguas, armas e vestuário; próprias a cada uma delas. A referência a Santo Agostinho é óbvia, tanto no tocante ao Paraíso, onde a expulsão de Adão e Eva é uma alusão ao pecado da desobediência, quanto na menção inequívoca às duas cidades: a terrena, povoada por diferentes nações e a celestial.<sup>16</sup>

Da significação antiga da noção de cosmos, os medievais conservaram a idéia de ordem compreendida na organização hierárquica do mundo. No mapa-múndi de Ebstorf, é o corpo de Cristo que ordena, hierárquica e simbolicamente, o espaço de acordo com a função correspondente a cada parte do corpo. Esta concepção estava presente no pensamento cristão desde o século XII, quando os teólogos atribuíram um sentido ao corpo humano, fazendo-o corresponder a uma parte do universo: a cabeça ao céu, o peito ao ar, o ventre ao mar, as pernas à terra, os ossos às pedras, as veias aos galhos das árvores, o cabelo à relva e os sentidos aos animais. Seguindo estes princípios, Gervásio situou a Ásia no alto e, aí, desenhou a cabeça de Cristo, parte mais elevada do corpo, onde localizou o Paraíso. Ao longo do braço direito, está a Europa (a

---

<sup>15</sup> Esta hipótese foi também indicada por Amin Wolf.

<sup>16</sup> *Diximus iam superiobus libris ad humanum genus non solumnaturae similitudine sociandum verum etiam quadum cognationis necessitudine in unitatem concordem pacis vinculo conligandum ex homine uno (...) Deum voluisse homines instituere, neque hoc genus fuisse in singulis quibusque moriturum nisi duo primi, quorum creatus est unus ex nullo, altera ex illo, id inobedientia meruissent (...)* *Ac per hoc factum est, ut com tot tantaeque gentes per terrarum orbem diversis ritibusque viventes multiplici linguarum armorum vestium quam duo quaedam genera humanae societatis existerent, quas civitates duas secundum scripturas nostras mérito appellare possemus.* Agostinho, De Civitate Dei, XIV, I. Bibliothèque Augustinienne, Livros XI-XIV. Texto de B. Dombart e A. Kalb. Introdução e Notas, G Bardy. Paris, Desclée De Brouwer, 1959.

Cristandade) e do esquerdo, a África, em cujo extremo colocou os Antípodas. No umbigo, situou Jerusalém (ver traçado1). O simbolismo da direita e da esquerda é evidente e diz respeito, diretamente, a Deus (à direita do Pai). A representação do Paraíso apela para a idéia do pecado e da ruptura do cosmo. Note-se que as partes superiores do corpo eram consideradas partes nobres em contraposição às inferiores.<sup>17</sup> Os mundos de baixo e de cima possuem relação de significativa importância na geografia e cartografia da eternidade, designando, respectivamente, o mundo celestial e os infernos (LE GOFF, 1981). Sobre a cidade dos homens, a imagem de Cristo crucificado sobrepõe-se ao traçado. *Christus mundum de mundo liberavit*, só Cristo salva o mundo do mundo. Graças a essa transformação, a noção de cosmos se cindiu em duas noções opostas: a *civitas Dei* e a *civitas* terrena, essa última próxima da noção de *civitas diaboli* (AGOSTINHO). Segundo esta concepção, o homem pode levar uma vida que o conduzirá a cidade espiritual do Senhor, a Jerusalém, a Sion Celeste, ou a cidade do Ante-Cristo.

A representação de Jerusalém difere frequentemente, nos mapas medievais, onde é a forma do círculo, fortificado ou não, que prevalece. No claustro do mosteiro de Ebstorf, porém, o imenso mapa mural representa Jerusalém em forma quadricular. No fundo dourado, onde aparecem as muralhas da cidade, destaca-se o momento em que Cristo, sentado no próprio túmulo, ressuscita. Exposto no claustro, o mapa-múndi assumia a função de um grande livro sempre aberto, independente da época do ano, tal como a Regra de São Bento recomendava. O capítulo XLIX, Da Observância da Quaresma, insiste na sua importância; mas, convida os irmãos a manter a ordem livremente, mesmo fora deste período. A quaresma constituía o momento de renovação interior, e lembrava que a pureza da alma devia sempre ser preservada. Fora do mundo, o orgulho, a sensualidade e a raiva afastam Deus. Quanto menos pura mais distante de Deus a alma estaria, *paucorum est ista virtus*. A renúncia de todos os vícios como forma de manter-se unido a Deus devia ser uma prática diária. No claustro, o mapa-múndi lembrava a crucificação e a ressurreição, preparava para a quaresma e para o momento mais esperado, a páscoa.

A localização geográfica das imagens imprime historicidade aos episódios da paixão. Os lugares sagrados são lugares da memória, ditados pela arte da memória. São domínios “do vasto palácio da memória” onde se encontram inúmeras imagens trazidas pela percepção multiforme dos sentidos (AGOSTINHO, VIII, 12). Desde o início do medievo, os princípios gerais da mnemônica eram conhecidos no norte da África. O *Ad Herennium*, tratado de retórica do século I, conheceu uma renovação tardia, alcançando a Itália. No *De Nuptiis Philologiae et Mercurii*, Marciano Capela preservou, para a idade média, o sistema pedagógico da Antiguidade. No capítulo de-

<sup>17</sup>Para o “baixo corporal,” ver BAKHTIN (1993).

dicado a retórica, composto de cinco partes, consagrou, a terceira parte à memória artificial. Para Marciano, a ordem, implícita na retórica, constituía a base dos preceitos da memória sobre os quais se meditaria em lugares esclarecidos, *locis illustribus*, e nos quais se colocariam as coisas, *species rerum*. Porém, para os Padres da Igreja, que haviam recebido uma formação retórica, como Santo Agostinho, o conhecimento da memória artificial não dependia do conhecimento deste texto. (YATES, 1995, p.64-65) Agostinho privilegia a memória sensível, que permite, no silêncio e na escuridão, distinguir cores e nuances.

A arte da memória consistia em guardar, na memória, uma série de lugares em uma espécie de arquitetura, dentro da qual se guardavam, em cada cômodo, as imagens. Para localizar, era necessário percorrer todo o edifício de memória, interrogando o conteúdo de cada divisão. O mapa-múndi correspondia a uma planta tripartite do imenso edifício, construída como adjuvante mnemônica, onde era possível ver, conhecer, descrever e classificar.

As concepções agostinianas mantiveram-se na cartografia até o início do século XIII. Nos tratados posteriores sobre a memória, vinculados à tradição escolástica, os conceitos existentes da memória artificial, tornaram-se, apenas, um dos aspectos do esquema das virtudes e dos vícios. A renovação da arte da memória, na qual a participação dos eruditos beneditinos foi marcante no século XIII, Alberto, o Grande, e São Tomás de Aquino se empenharam na utilização de Aristóteles, para defender a Igreja dos heréticos, ao mesmo tempo em que a doutrina do Juízo Final os ameaçava com o fogo dos infernos.

## II

A dimensão escatológica expressada nos mapas alcança o seu clímax com um mapa-múndi de dimensões importantes, colocado no altar da catedral de Hereford, na Inglaterra (Traçado 2). Uma pequena oração, ao lado do mapa, diz que o seu autor foi Richard de Haldingham, que se julga ter sido o cônego da catedral de Lincoln.<sup>18</sup> O traçado e a iconografia remetem aos mapas de Ebstorf e Mogúncia, porém Hereford traz uma novidade: no alto da carta, na parte externa do ecúmeno: uma representação do Juízo Final repete a mesma cena presente nos pórticos das igrejas românicas e góticas. A cena conhecida tem, no centro, Cristo em majestade, cercado pelas muralhas de Jerusalém Celeste. À direita, as portas se abrem aos bons que, enfileirados, seguem o anjo; à esquerda, as portas se fecham aos maus puxados por uma corda pelo demônio. Abaixo, Maria intervém junto ao seu filho, pelos pecadores. A referência à doutrina salvacionista, no exterior da carta, indica que

---

<sup>18</sup> Mapa Múndi de Hereford, século XIII. Encontra-se até os dias atuais exposto na Catedral de Hereford, (Inglaterra).

o mundo divino está além do mundo dos homens. Ainda que os medievais o percebam como um só, a representação expressa esta dualidade.

A representação do Juízo Final repete a mesma cena das fachadas externas do pórtico principal das igrejas e catedrais românicas e góticas, integrando o mapa-múndi de Hereford em um conjunto de representações, desenhado a partir de um programa iconográfico pré-estabelecido. Isto significa que os lugares e personagens situados no espaço e no tempo reproduzem modelos advindos dos mapas anteriores, mas também, construídos a partir de uma tradição pictórica que poderia ser facilmente, compreendida pelos fiéis.

O Paraíso e o Inferno, definidos como lugares da memória desde o início do século III, foram graças à tradição retórica, preservados desde os primeiros séculos da idade média. Neste processo de atualização, foram importantes o *Ars dictaminis*, difundido amplamente pela Europa e o *Rhetorica novíssima* (1235) de autoria de Boncompagno da Signa que afirma, citando os Santos Padres, que “a majestade divina reside sobre o mais alto trono” e que o lugar da memória das regiões infernais é uma montanha chamada Etna, de onde ele diz ter visto saírem bolhas de enxofre ferventes e onde, acredita-se, se encontra a boca do Inferno (YATES, 1995, p.87-90).

Se Santo Agostinho fez da memória uma das três partes da alma; Cícero uma das três partes da prudência. Thomas de Aquino retomou os dois princípios fundamentais da memória artificial: o recurso aos lugares e às imagens. É a renovação da arte da memória pela escolástica e a sua crescente influência que explica a representação do Julgamento Final na parte externa do mapa-múndi de Hereford. No seu interior, os lugares e acidentes geográficos sagrados e profanos, revelam consonância com os mapas anteriores. A narrativa bíblica localiza Jerusalém fortificada no centro da carta e, logo acima, a figura de Cristo crucificado parece pairar sobre a cidade. Ao lado, a legenda refere-se ao sacrifício do filho de Deus pela salvação da humanidade, reafirmando o lugar onde se desenvolveu a crucificação e a ressurreição do Senhor, *et resurrectioni Domini consumata est*. Da mesma forma, a representação do Paraíso ganhou mais um personagem, um anjo, que, erguendo uma espada, expulsa Adão e Eva do Paraíso. Tal como em Ebstorf, a representação é desdobrada em duas cenas. Enquanto na primeira o casal prova do fruto proibido, na segunda são expulsos com veemência pelo anjo. Richard de Haldigham repete exaustivamente os mapas anteriores enriquecendo ainda mais, o mapa-múndi. A Ásia ocupa a metade superior do mapa e é o espaço privilegiado onde o drama histórico da humanidade se desenrola; na Mesopotâmia, se encontra a torre de Babel representada por uma das maiores imagens. Na Palestina, se situam Belém e Jerusalém. Vê-se também, Antioquia e Babilônia; os rios Tigre, Eufrates e o Ganges; o mar Vermelho, Cáspio, Morto, e da Galiléia; os montes do Sinai e Ararat (onde se encontra a arca de Noé). A parte inferior do eixo é dividida entre Europa

e a África. À direita, na Europa, Creta, Chipre e a Sicília (onde se situa o Etna), Córsega e Sardenha; e, dentre os mares, o Mediterrâneo. À esquerda, na África, Etiópia, Líbano, Mauritània, Líbia e Alexandria. Entre as gentes (povos) sobressaem-se os *gangines* e os *essedones* (na Ásia), os etíopes e os pigmeus (na África). A Europa é o cenário, onde as personagens mitológicas aparecem: a sereia, o sátiro, o fauno e a esfinge. Os animais apresentam, também, uma variedade surpreendente: elefante, crocodilo, tigre, salamandra e camelo na Ásia; símio e urso na Europa; leopardo, leão e rinoceronte na África. O mapa-múndi não deixa de registrar os lugares amaldiçoadas, como Gog e Magog; Sodoma e Gomorra. O Inferno, indicado por um rio, esta situado nas proximidades do Etna, na Itália.

---

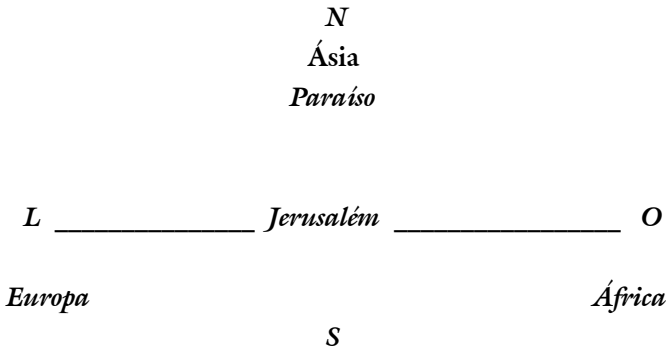
Traçado 2 - Mapa-múndi de Hereford

---

*Representação do Juízo Final*

---

*Limites do mapa*



---

Traçado do mapa-múndi de Hereford - Maria Eurydice de Barros Ribeiro

### III

No claustro do mosteiro de Ebstorf e no altar da catedral de Hereford, a representação do mundo, acessível ao olhar coletivo, não constitui uma simples decoração como, com frequência, alguns historiadores afirmam. Ao contrário, o mapa-múndi cumpre uma função que é esclarecida pelos historiadores da arte a partir da significação que, para o clero medieval, a palavra *decoratione* possuía em latim. Diferindo da conotação contemporânea de “embelezamento”, *decoratione*, assim como *ornamentum*, vinculava-se a capacidade do Belo em exaltar os sentidos (BONNE, 1994, p.134). Na Idade Média, esta idéia sob todas as formas de linguagem visual, recaía na transcendência do Belo como luz da verdade ou do bem, estendendo-se também, aos princípios de ordem, proporção e harmonia (PANOF SKY, 2000, p.35-44). Convém lembrar que, para o espírito da época, só se poderia apreender a verdade por intermédio da representação material das coisas. O propósito da cartografia medieval residia em exibir o mundo visível.

Neste sentido, o mapa-múndi de Hereford integrava-se ao conjunto de *imagens objetos* (BASCHET, 2008, p.25.) que, no interior da catedral, possuíam uma função. Em lugar privilegiado, no altar mor, não estava submetido ao olhar seletivo dos monges, como a carta de Ebstorf, mas ao da comunidade de fiéis que comparecia à catedral para a celebração dos ofícios. Indo além da decoração, o mapa-múndi educava pela imagem forjando comportamentos e inspirando a formação de virtudes. Em última palavra, ditava as normas de conduta.

É difícil precisar o número de mapas-múndi murais que existiram na Idade Média. A grande maioria das cartas que chegaram aos nossos dias encontra-se no interior de manuscritos e foram destinadas aos membros do clero e da realeza objetivando a educação doutrinária e espiritual. Tanto nos murais, quanto no interior dos manuscritos, não havia qualquer compromisso com a geografia e história positivas e, muito menos, buscava estabelecer a rota para Jerusalém, que na época era indicada nos itinerários. O *caminho* para Jerusalém era feito pelos olhos, passeando o olhar pelo mapa até encontrar a imagem de Cristo, morto na cruz pela salvação da humanidade, ressuscitando, como em Ebstorf ou julgando os vivos e os mortos, como em Hereford.

#### Referências

#### Fontes

AGOSTINHO, *Confissões*, ed. Pierre Labriole, Paris: Les Belles Lettres, 1994.

\_\_\_\_\_. *De Civitate Dei*, ed. B. Dombart e A. Kalab, Paris: Desclé de Brouwer, 1959.

*LA RÈGLE de Saint Benoit* Commentée pour les oblats et les amis des monâsteres. Caudebec-en-Caux, Éditions de Fontenelle, 1982.

## Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail *A cultura popular na idade média e no renascimento*. O contexto de François Rabelais, São Paulo-Brasília, Hucitec/Edunb, 1993.

BASCHET, J. *L'Iconographie médiévale*. Paris: Gallimard, 2008.

BONNE, Jean-Claude. "Pensée de l'art et pensée théologique dans les écrits de Suger". In: Descamps, Christian (org.) *Artistes et Philosophes; Éducateur*. Paris: Éditions Centre Georges Pompidou, 1994.

DU CANGE. *Glossarium mediae et infimae latinatis*. Paris, Didot, 1840.

GOUREVITCH, Aaron J. *Les catégories de la culture médiévale*. Paris: Gallimard, 1983.

JACOB, Christian, "Histoire de cartes" In: *Préfaces*, n.5, Paris, déc-1987-janv.1988.

LE GOFF, Jacques. *La naissance du Purgatoire*. Paris: Gallimard, 1981.

PASTOUREAU, M.. *Couleurs, images e symboles*. Études d'histoire et anthropologie. Paris, Le Leopard d' Or. s/d.

SCHIPPERGES, H. *Hildegarde de Birgen*. Paris: Brepols, 1995.

SCHMITT, Jean-Claude. *La raison des gestes dans l'occident medieval*. Paris, 1990.

PANOFSKY, Erwin. *Idea: A evolução do conceito de Belo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WOLF, Armin. "News on the Ebstorf world map: date, origin, authorship". In: Pelletier, Monique (org) *Géographie du Monde au Moyen Age et à la Renaissance*, Paris: Editions du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1989.

YATES, Frances, *L'art de la mémoire*, Paris: Gallimard, 1975.